



## **EFICÁCIA DE INTERVENÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS POR MÍDIAS SOCIAIS PARA A PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO: REVISÃO SISTEMÁTICA**

### ***EFFICACY OF EDUCATIONAL INTERVENTIONS CONDUCTED VIA SOCIAL MEDIA FOR THE PROMOTION OF BREASTFEEDING: A SYSTEMATIC REVIEW***

**Adonay Guedes Cirino**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8642-6680>

[adonayguedes.nutri@gmail.com](mailto:adonayguedes.nutri@gmail.com)

**Wendell Costa Melo Filho**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8612-1529>

[wendell.filho@fanut.ufal.br](mailto:wendell.filho@fanut.ufal.br)

**Maria Beatriz Leal de Lima Ferreira**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5903-4921>

[maria.lima@fanut.ufal.br](mailto:maria.lima@fanut.ufal.br)

**Esther Cândido da Silva**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-5020-602X>

[esther.silva@fanut.ufal.br](mailto:esther.silva@fanut.ufal.br)

**Larissa de Oliveira Soares**

Hospital Universitario Professor Alberto Antunes, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3999-4175>

[larissa.osoares@ebserh.gov.br](mailto:larissa.osoares@ebserh.gov.br)

**Monica Lopes de Assunção**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2985-9890>

[monica.assuncao@fanut.ufal.br](mailto:monica.assuncao@fanut.ufal.br)

**Tacy Santana Machado**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8058-6712>

[tacy.machado@fanut.ufal.br](mailto:tacy.machado@fanut.ufal.br)

**Myrtis Katille de Assunção Bezerra**

Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4315-9623>

[myrtis.bezerra@fanut.ufal.br](mailto:myrtis.bezerra@fanut.ufal.br)





**Resumo: Objetivo:** Analisar a eficácia do uso de mídias sociais como ferramentas de suporte profissional ao aleitamento materno. **Métodos:** revisão sistemática da literatura de ensaios clínicos randomizados com mulheres durante a gravidez e puerpério, submetidas a estratégias de educação em saúde, através de mídias sociais que pudessem colaborar de forma positiva com o aumento da prevalência de aleitamento. **Resultados:** Identificou-se 64 artigos, entretanto, 60 não atendiam aos critérios de elegibilidade. Dessa forma, foram selecionados 4 estudos. Todos os artigos incluídos mostraram um aumento na prevalência da amamentação no grupo intervenção e que foi possível promover o suporte às lactantes em processo de amamentação e o estímulo à continuação da prática no período pós-parto. **Conclusão:** As atividades de educação em saúde, por meio das mídias sociais, devido ao avanço da tecnologia, são uma ferramenta efetiva para os profissionais de saúde na luta contra o desmame precoce.

**Palavras-chave:** Amamentação; Aleitamento Materno Exclusivo; Meios de Comunicação Sociais; Educação em saúde; Redes Sociais Online.

**Abstract: Objective:** To analyze the effectiveness of using social media as professional support tools for breastfeeding. **Methods:** A systematic review of the literature on randomized clinical trials involving women during pregnancy and the postpartum period, subjected to health education strategies through social media that could positively contribute to an increase in breastfeeding prevalence. **Results:** A total of 64 articles were identified; however, 60 did not meet the eligibility criteria. Thus, 4 studies were selected. All included articles showed an increase in breastfeeding prevalence in the intervention group, demonstrating the feasibility of providing support to breastfeeding mothers and encouraging the continuation of this practice in the postpartum period. **Conclusion:** Health education activities through social media, facilitated by technological advancements, represent an effective tool for healthcare professionals in the fight against early weaning.

**Keywords:** Breastfeeding; Exclusive Maternal Breastfeeding; Social Media; Health Education; Online Social Networks.

## 1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam o aleitamento exclusivo (AME) nos 6 primeiros meses de vida – devendo, se possível, ser complementado até os 2 anos de idade. Entretanto o marketing das fórmulas infantis, pressão social e familiar, fatores como trabalho materno fora de casa, uso de bicos artificiais, e a incidência de mães multíparas são fatores que contribuem para o abandono não só do AME, como também, para desmame precoce (Organização das Nações Unidas, 2022; Salustiano *et al.*, 2012).

As Metas Globais de Nutrição, instauradas pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), possuem como objetivo elevar a prevalência de aleitamento exclusivo para 50% até 2025 (Organização Pan-Americana de Saúde, 2023). Os impactos da amamentação no desenvolvimento e crescimento infantil são amplamente estudados e sua ausência nos primeiros anos de vida está





fortemente associada à desnutrição, deficiências de nutrientes, baixo desenvolvimento cognitivo e menor resposta imunológica (Bezerra *et al.*, 2017). Além disso, quando comparadas a mulheres que nunca amamentaram, o aleitamento, por um tempo superior a 12 meses, reduziu o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares, como doença cardíaca coronária e acidente vascular cerebral (Antonio *et al.*, 2018; Tschiderer *et al.*, 2022; Yuen *et al.*, 2022).

Diante do seu impacto significativo na saúde materna e infantil, o aleitamento materno tornou-se através dos anos o padrão ouro na alimentação nos primeiros anos de vida. Isso porque sua composição atende as necessidades energéticas e nutricionais dessa fase, e atua como formador e fortalecedor do sistema imunológico e desenvolvimento da microbiota intestinal (Macvicar *et al.*, 2018).

A maturação e fortalecimento do sistema imunológico do recém-nascido é essencial nas primeiras semanas após o nascimento. Nesse sentido, o colostro tem papel importante na imunidade do neonato, visto que seus compostos bioativos agem de forma quase instantânea no seu sistema imune (Palmeira *et al.*, 2016; Zuurveld, M. *et al.*, 2023). O processo de aleitamento nos primeiros momentos de vida promoverá uma maior disponibilidade de micro-organismos importantes para o desenvolvimento da microbiota intestinal, em especial, a presença de bactérias lácticas que podem vir a funcionar como probióticas (Novak *et al.*, 2001; Zuurveld, M. *et al.*, 2023).

Apesar da importância do aleitamento materno na saúde do binômio mãe-bebê, entre 2000 e 2018, o Brasil esteve entre os países que apresentou uma baixa prevalência de AME, além de taxas mais altas do seu declínio. Caracterizado por sua desigualdade relativa dentro do país, o Brasil apresenta um padrão disperso de aleitamento exclusivo, com localidades que apresentam valores mais baixos que a média nacional (Bhattacharjee *et al.*, 2021). Essa realidade corrobora a necessidade de políticas públicas e práticas educativas que estimulem e possibilitem a prática do AME de acordo com necessidade locais de cada região.

A Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) é um dos programas globais que visam promover o aleitamento materno e melhorar os cuidados neonatais em hospitais e unidades de saúde. Um dos pilares fundamentais dessa iniciativa é a promoção do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida, com a continuação da amamentação complementada até pelo menos dois anos de idade. A IHAC enfatiza a importância de fornecer informações e apoio contínuos às mães durante sua estadia no hospital e após a alta. É imperativo que os hospitais continuem a adotar e apoiar essa iniciativa para garantir o bem-estar das crianças e das mães (Pinheiro *et al.*, 2023).

Além disso, a educação contínua das mães sobre os benefícios do aleitamento materno e as técnicas corretas de amamentação é crucial para o sucesso a longo prazo. A amamentação pode ser





desafiadora, e as mães podem encontrar obstáculos que as levem a considerar a interrupção precoce. Portanto, ao fornecer informações e apoio contínuos, os hospitais e unidades de saúde ajudam as mães a superarem esses desafios, garantindo um período de amamentação mais prolongado e, conseqüentemente, uma saúde infantil melhor (Brasil, 2006; Rohini, *et al.*, 2022).

A disseminação de informações por meio de mídias sociais tem se mostrado uma ferramenta importante para a promoção da educação em diversas áreas. As mídias sociais são amplamente acessíveis a uma grande parte da população, incluindo aqueles que podem não ter acesso fácil a outras formas de educação formal. Isso democratiza o acesso à informação, permitem interações em tempo real entre profissionais de saúde e usuários dos serviços de saúde. Além disso, cria oportunidades para fazer perguntas, esclarecer dúvidas e participar de discussões educacionais (Cavalcanti *et al.*, 2019).

É importante ressaltar que, embora as mídias sociais ofereçam muitos benefícios para a promoção da educação, também há desafios, como a disseminação de informações errôneas. Portanto, é crucial que os profissionais que utilizem as mídias sociais sejam críticos e avaliem a qualidade das fontes de informação e seleção de estratégias e métodos de interação com a comunidade que sejam efetivos (Cruz *et al.*, 2011).

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura para avaliar a eficácia do uso das redes sociais como ferramenta de suporte profissional no processo de promoção do aleitamento materno, verificando seu papel na promoção do aleitamento durante os seis primeiros meses de vida do lactente.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Metodologia

Revisão sistemática da literatura de publicações em periódicos. Delineada a partir dos critérios estabelecidos no guia *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). Essa revisão seguiu a estratégia PICO como forma de construir a pergunta norteadora e busca por evidências. Sendo considerado como P = lactantes, I = intervenção educativa por mídias sociais, C = sem intervenção, O = duração do aleitamento materno exclusivo. Desta forma, surgiu a pergunta: as mídias sociais podem contribuir no apoio e promoção do aleitamento materno em mulheres no pós-parto?





Foram considerados elegíveis apenas ensaios clínicos randomizados controlados, encontrados nas plataformas PubMed, Lilacs, Scielo e Embase. Utilizou-se para busca os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Heading* (MeSH): “*Breastfeeding*” e “*Social media*”. A estratégia de busca foi adaptada para cada base de dados utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos: “*Breastfeeding*” AND “*Social media*”.

Os critérios de exclusão foram : cartas aos editores, resenhas, opiniões pessoais, capítulos de livros, comentários, editoriais e qualquer publicação sem dados primários ou estudos que não abordassem a temática de forma coerente e adequada ou que não tivessem feito o uso de mídias sociais como forma de promoção do aleitamento materno ou mães de crianças prematuras ou com alguma condição ou necessidade especial que dificultasse a amamentação ou estudos realizados com puérperas ou lactentes não saudáveis.

A estratégia de busca foi realizada de acordo com os critérios estabelecidos pelo *Peer Review of Electronic Search Strategies* (PRESS checklist) (Mcgowan *et al.*, 2016), realizada em setembro 2022 e atualizada em agosto 2023. As buscas foram realizadas por dois autores com experiência em revisão sistemática nos idiomas inglês e português, e com restrições para os últimos 10 anos.

Os dados faltantes foram procurados por e-mail aos autores correspondentes. Os registros foram baixados em planilha do Microsoft Excel, adicionados a um formulário padronizado de coleta de dados e as duplicatas foram removidas por meio do software Mendeley®, que também foi utilizado para auxiliar na verificação de possíveis referências duplicadas e triagem de estudos potencialmente elegíveis.

O processo de seleção dos estudos foi realizado em duas etapas. Primeiramente, foram selecionados os títulos e resumos dos artigos recuperados. Em seguida, as demais citações foram lidas na íntegra para avaliação dos estudos potencialmente elegíveis. Os estudos foram incluídos se os critérios de elegibilidade fossem atendidos. Em seguida, foram extraídos dados dos estudos que restaram. Nos casos de divergência entre autores, a decisão de incluir ou excluir um artigo foi tomada por consenso.

Extração de dados foi realizada por dois autores independentes e digitados em planilha Excel contendo os seguintes campos: nome do autor, ano do estudo, ano de publicação, local, desenho do estudo, idade das puérperas, tamanho da amostra do grupo controle e do grupo intervenção, método e tempo da intervenção e resultados alcançados.





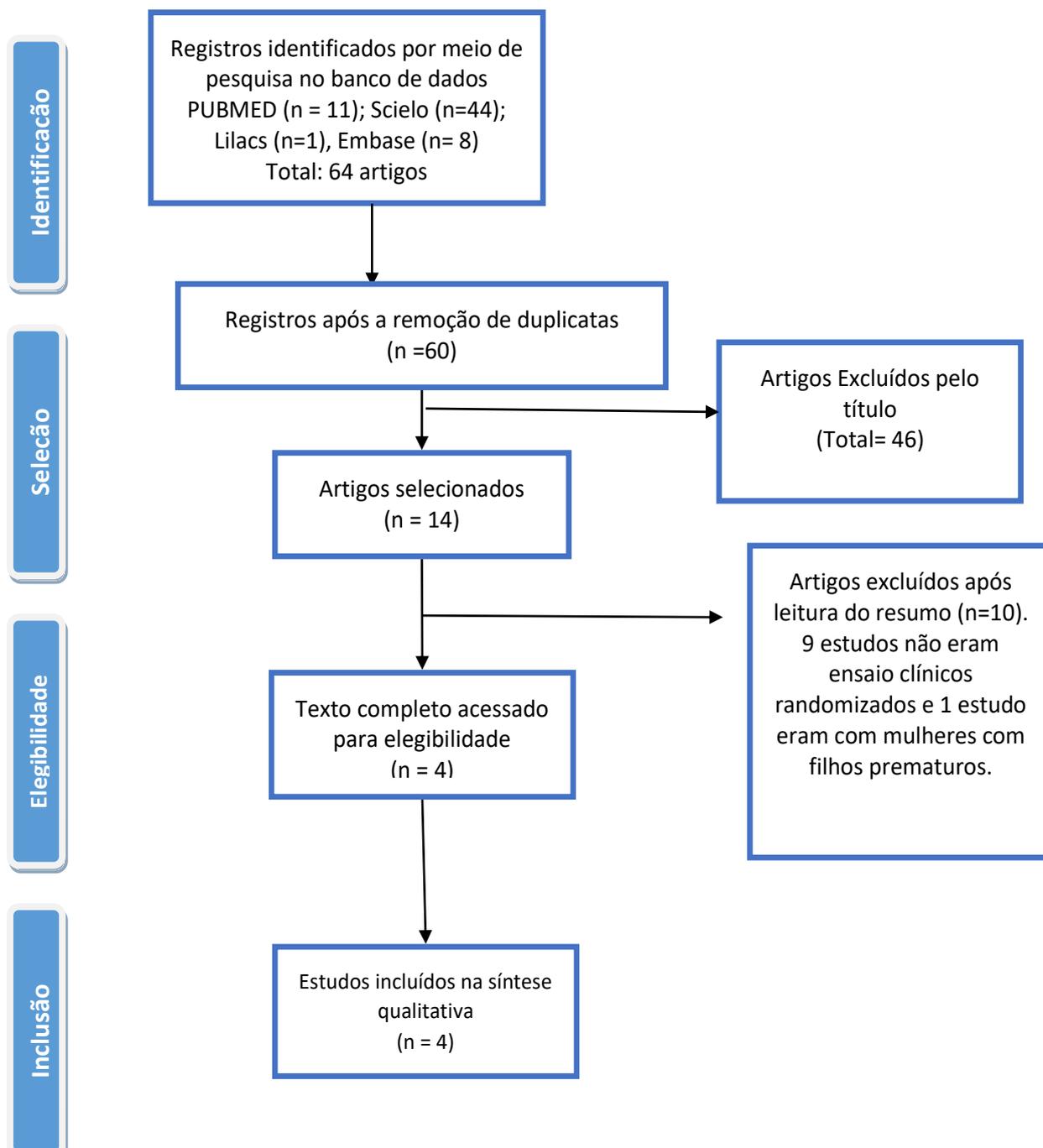
Na Avaliação da Qualidade Metodológica uma lista de verificação de avaliação crítica para estudos da Oxford (2001) foi usada para avaliar a qualidade metodológica dos estudos. O instrumento consiste em 14 perguntas e 3 respostas (sim, não, outros): 1. O estudo foi descrito como randomizado, ensaio randomizado, ensaio clínico randomizado ou ECR? 2. O método de randomização foi adequado? 3. A alocação do tratamento foi ocultada? 4. Os participantes do estudo e os prestadores foram cegados quanto à atribuição do grupo de tratamento? 5. As pessoas que avaliaram os resultados não tinham conhecimento das tarefas de grupo dos participantes? 6. Os grupos eram semelhantes no início do estudo em características importantes que poderiam afetar os resultados? 7. A taxa global de abandono do estudo no ponto final foi de 20% ou menos do número atribuído ao tratamento? 8. A taxa diferencial de abandono no ponto final foi de 15 pontos percentuais ou menos? 9. Houve alta adesão aos protocolos de intervenção para cada grupo de tratamento? 10. Outras intervenções foram evitadas ou semelhantes nos grupos? 11. Os resultados foram avaliados utilizando medidas válidas e confiáveis, implementadas de forma consistente em todos os participantes do estudo? 12. Os autores relataram que o tamanho da amostra era suficientemente grande para poder detectar diferença no desfecho principal entre grupos com poder de pelo menos 80%? 13. Os resultados foram relatados ou os subgrupos analisados foram pré-especificados? 14. Todos os participantes randomizados foram analisados no grupo ao qual foram originalmente designados, ou seja, utilizaram uma análise de intenção de tratar?

A partir da análise e seleção os artigos foram categorizados de acordo com a sua qualidade e eficácia relacionada à amamentação: 1. Intervenções não eficazes na duração e/ou exclusividade do aleitamento materno e 2. Intervenções eficazes na duração e/ou exclusividade do aleitamento materno.

## 2.2. Resultados e discussão

Após o acesso às bases de dados científicas, foram obtidas ao todo 64 publicações, sendo 11 no PubMed, 44 no Scielo e 1 no Lilacs e 8 no Embase. 4 artigos foram excluídos devido a duplicação na base de dados. No total foram selecionados 4 estudos clínicos randomizados controlados (Figura 1).

**Figura 1 - Fluxograma de seleção dos artigos de acordo com a metodologia PRISMA.**



Fonte: Autores, 2023.

**Quadro 1 - Caracterização dos estudos de acordo com a amostra de mulheres no pós parto e intervenções realizadas através de mídias sociais - Maceió, AL, Brasil, 2023.**

Autor (Ano)	Amostra	Descrição da Intervenção e método de avaliação	Resultados
----------------	---------	--	------------



Uzunçakmak <i>et al.</i> , 2021.	GI = 31 GC = 37	<p>Foi feito aconselhamento sobre amamentação, via <i>Aos 3 e 6 meses houve WhatsApp</i>, às mulheres do grupo intervenção. A diferença estatisticamente significativa nas pontuações sobre a amamentação de rotina antes da alta das médias da BSES-SF entre os grupos intervenção e controle (<math>p &lt; 0,05</math>). A Auto percepção de eficácia no aleitamento materno, avaliado através da Escala de Autoeficácia de Amamentação – Forma Curta (BSES - SF). Acompanhamento: 6 meses pós-parto.</p> <p>As diferenças estatísticas foram significativas nas pontuações da BSES-SF entre os grupos intervenção e controle (<math>p &lt; 0,05</math>). A autoeficácia das mulheres na amamentação foi melhorada através de uma intervenção de ensino e aconselhamento baseada nas redes sociais.</p>
Cavalcanti <i>et al.</i> , 2019.	GI = 123 GC = 128	<p>Após a alta hospitalar, o grupo intervenção foi acompanhado por um grupo fechado em uma rede social online, onde foram feitas publicações educativas semanais relacionadas à amamentação. Com relação ao tempo de interrupção do aleitamento materno exclusivo, o grupo intervenção obteve um resultado de 63 dias maior em relação ao grupo controle (<math>p &lt; 0,0001</math>).</p> <p>Os grupos foram entrevistados semanalmente através de ligações. Para avaliar a duração do aleitamento exclusivo e o efeito da intervenção. Acompanhamento: 6 meses pós-parto.</p>
Abass-dick <i>et al.</i> , 2020.	GI = 100 GC = 107	<p>O GI participou de reuniões virtuais com um assistente para reverem os recursos e informações de saúde do eHealth. As taxas de amamentação de ambos os grupos foram altas e sem diferença significativa (63% vs. 52%).</p> <p>Os dados de acompanhamento foram coletados eletronicamente após o parto.</p> <p>Acompanhamento: 52 semanas pós-parto.</p>
Wu <i>et al.</i> , 2020.	GI = 148 GC = 139	<p>O GI recebeu informações sobre promoção da amamentação, semanalmente, na rede social exclusiva <i>WeChat</i>. A taxa de amamentação exclusiva foi significativamente maior no grupo de intervenção do que no grupo de controle (81,1% vs 63,3%; Da mesma forma, as mães no grupo de intervenção eram mais propensas a fornecer predominantemente leite materno e menos propensas a dar produtos lácteos aos seus filhos.</p> <p>Foram feitas ligações com aplicação de questionários nas entrevistas para a examinar as práticas e conhecimentos de amamentação.</p> <p>Acompanhamento: Desde o terceiro mês pós-parto até 6 meses pós-parto.</p>

**Fonte: Autores. GI = grupo intervenção; GC = grupo controle.,**

Para a análise dos dados provenientes dos estudos selecionados para esta revisão sistemática, no quadro 1 estão apresentados alguns aspectos metodológicos importantes para a compreensão das intervenções analisadas, como o método de avaliação, o tempo e o número de participantes.





Na avaliação da qualidade dos estudos selecionados foi possível observar que em relação a perda amostral, não obtiveram números significativos, sendo a maior taxa de 10% da amostra. Os estudos analisados referem ter realizado a randomização de suas participantes no grupo controle e grupo intervenção utilizando softwares e a utilização de algoritmos por funções de aleatorização. Dos cinco estudos selecionados, apenas dois não explicitaram qual a técnica de randomização foi utilizada. Os resultados foram avaliados utilizando medidas válidas e confiáveis. Consideramos que a partir da avaliação dos ensaios clínicos selecionados apresentam boa qualidade metodológica.

Os resultados do presente estudo mostram o papel das mídias sociais na promoção e apoio ao aleitamento materno, o impacto positivo que essas plataformas têm no encorajamento da prática, na disseminação de informações confiáveis e na construção de comunidades virtuais como importante ferramenta de apoio às gestantes, puérperas e lactantes.

Os resultados dos artigos selecionados mostraram que as mídias sociais oferecem acesso rápido e de fácil compreensão a informações científicas e atualizadas sobre aleitamento materno. Esses recursos permitiram a troca de conhecimento através do compartilhamento de artigos, vídeos e infográficos que abordam tópicos relevantes, como posições de amamentação, problemas comuns, técnicas de extração de leite e alimentação complementar. Além disso, os comentários e interações nas postagens permitiram que as mães compartilhassem experiências pessoais e fizessem perguntas a profissionais de saúde. Essa experiência parece influenciar na melhor percepção materna sobre a qualidade do leite materno e no empoderamento e segurança necessários para continuar amamentando por mais tempo, quando comparadas as lactantes que não participaram desses grupos. (Uzunçakmak *et al.*, 2021; Cavalcanti *et al.*, 2019; Wu *et al.*, 2020).

Uzunçakmak *et al.* (2021) realizaram um estudo onde foi avaliada a percepção de autoeficácia em aleitamento materno. O estudo foi estruturado a partir de um grupo controle, que recebeu o acompanhamento padrão do hospital e um grupo intervenção que participou de ações de educação e aconselhamento quanto ao aleitamento materno por meio das mídias sociais (*WhatsApp*). Essas intervenções visavam a promoção de suporte às mulheres em processo de amamentação e o estímulo à continuação da prática no período pós-parto. Os participantes receberam orientações sobre amamentação nas primeiras 4 semanas após a alta hospitalar. Semanalmente, foi enviado um tópico educativo aos participantes e mensagens de texto foram enviadas para as mulheres acompanharem o conteúdo educacional.





No estudo de Uzunçakmak *et al.*, (2021), o status do acompanhamento educacional foi verificado por pesquisadores via *WhatsApp*. A percepção de autoeficácia no período pré-parto foi comparada com o período pós-parto e avaliada pela Escala de Autoeficácia em Aleitamento Materno-Formulário Resumido (BSES-SF). Sendo importante destacar que a percepção de autoeficácia é a crença de um indivíduo em sua própria capacidade de realizar com sucesso um comportamento desejado, e essa crença positiva é essencial para a continuidade do aleitamento materno. Os autores observaram que no GI houve diferença significativa nos escores médios da BSES-SF entre os valores basais (antes da intervenção) ( $55,35 \pm 7,19$ ) e 3 ( $62,90 \pm 7,11$ ) e 6 meses ( $64,25 \pm 8,85$ ) ( $p < 0,001$ ) após intervenção. No grupo controle, no entanto, não houve diferença significativa nos escores BSES-SF entre a linha de base e 3 meses ( $p > 0,05$ ), e a BSES-SF os escores aos 6 meses foram significativamente menores do que aos 3 meses ( $p < 0,05$ ) (Uzunçakmak *et al.*, 2021). Esse estudo evidenciou que, um acompanhamento, durante os primeiros meses após o parto, através de intervenções online frequentes, é capaz de encorajar a continuidade do aleitamento materno.

Machado *et al.* (2014) realizaram um estudo longitudinal, com 168 puérperas, por um período de 6 meses as quais foram acompanhadas bimestralmente. Os resultados mostraram que no segundo mês a depressão pós-parto e o relato de experiência traumática no parto, foram fatores que contribuíram para o abandono do aleitamento materno. No quarto mês, juntamente com a falta de orientações sobre a amamentação no pós-parto, a necessidade de retorno ao trabalho, baixa escolaridade, gravidez indesejada e falta de apoio do parceiro contribuíram para a interrupção do aleitamento materno. Em um estudo qualitativo, foram realizadas entrevistas com 15 mulheres que decidiram parar o aleitamento antes do tempo previsto por elas mesmas. A falta de informação foi uma das vivências relatadas como causas para a interrupção precoce do aleitamento materno. O acesso às orientações efetivas é um problema que afeta as mães em aleitamento, independente de classe econômica. (Cortés-Rúa; Díaz-Grávalos, 2018)

No México, foi realizado um estudo em hospitais privados, onde a maioria das mães eram de classe alta e possuíam curso superior e trabalhavam fora de casa. Das 218 mulheres, apenas 28% amamentaram exclusivamente até os 6 meses, enquanto que para 72% o desmame ocorreu em média entre o 3º e 4º meses pós-parto. O uso de mamadeira, a volta ao mercado de trabalho e o baixo nível de conhecimento foram os fatores que se relacionaram à interrupção do aleitamento materno. Destaca-se que 94% das mães recebiam apoio do companheiro e 70,2% relataram vivenciar a amamentação de forma prazerosa (Ávila-Ortiz, 2020). Esses estudos reforçam a necessidade de profissionais capacitados a realizar atividades educativas que façam as puérperas se sentirem mais amparadas e preparadas diante dos desafios da amamentação.





Cavalcanti *et al.*, (2019) realizaram ligações telefônicas mensalmente durante os 6 meses pós-parto para coletar os dados necessários por meio de entrevistas de lactantes. A parte educativa do estudo foi realizada com o auxílio de uma cartilha com informações sobre aleitamento materno desenvolvida pela pesquisa e com base nas recomendações oficiais do Ministério da Saúde do Brasil e da Organização Mundial da Saúde (Brasil, 2015).

Nesse estudo, as mensagens eram ilustradas, diretas e de fácil leitura e compreensão. Todas as mães receberam a mesma cartilha após o nascimento enquanto ainda estavam na maternidade para fornecer as mesmas informações para o Grupo Controle (GC) e Grupo Intervenção (GI). Além disso, foi aplicada a “Metodologia participativa na rede social online” onde o GI foi incluído em um grupo fechado denominado “Projeto Amamenta Mamãe” na rede social online Facebook (<https://www.facebook.com/groups/279662129036687/>), garantindo a privacidade dos participantes e de todas as suas postagens ou comentários. A intervenção foi estruturada de forma pedagógica, colaborando na construção crítica e reflexiva do conteúdo disponibilizado na rede, a partir dos temas da cartilha, e teve duração de 24 semanas para cada mãe.

Como resultado, no estudo de Cavalcanti *et al.* (2019), o GI apresentou maior prevalência de AME ao longo do período de seguimento em relação ao GC. Esses percentuais sofreram declínio a cada mês em ambos os grupos e, no sexto mês de seguimento, a menor frequência de AME observadas foram de 33,3% no GI, versus 8,3% no GC ( $P < 0,001$ ). Quando se analisa o tempo de interrupção do AME em cada grupo, percebe-se que a duração mediana no GI foi 63 dias maior que no GC. A intervenção, através de mídias sociais, foi um fator de proteção que reduziu as taxas de interrupção precoce do AME.

Abass-dick *et al.* (2020) investigaram a forma mais eficaz para fornecer educação sobre amamentação aos pais. Os participantes foram separados aleatoriamente em dois grupos sob diferentes condições de estudo. Os participantes da Condição de Estudo N°1 (SC1) acessaram um recurso de *eHealth on-line* previamente criado, além de outros recursos geralmente disponíveis, enquanto os participantes da Condição de Estudo N° 2 (SC2) acessaram apenas os recursos geralmente disponíveis. O SC1 teve uma reunião virtual com um assistente de pesquisa para revisar o recurso de *eHealth* e mensagens eletrônicas semanais foram enviados para todos os participantes por 6 semanas como lembrete, através de e-mails.

O *website “eHealth”* continha informações abrangentes sobre amamentação que foram organizadas em 8 seções principais: (1) Por que amamentar, (2) Como amamentar, (3) Os primeiros dias, (4) Preocupações comuns, (5) Apoiar a mãe/pais/parceiros, (6) Onde obter ajuda, (7) Vida cotidiana e (8) *Links* úteis. O site também incluía informações extensas sobre como trabalhar em





equipe para atingir as metas de amamentação (Abbass Dick *et al.*, 2017). As participantes foram informadas de que também poderiam acessar informações adicionais sobre aleitamento materno geralmente disponíveis na comunidade (Abass Dick *et al.*, 2020).

Segundo Abass Dick *et al.* (2020) não houve diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de mães em relação à duração ou exclusividade da amamentação em qualquer momento. Não houve diferença entre os grupos de estudo nos problemas de saúde vivenciados pelas mães ou seus bebês que poderiam ter afetado o início da amamentação. Sobre escores médios relacionados aos desfechos secundários, incluindo conhecimento sobre amamentação, atitude de alimentação infantil e autoeficácia para amamentar, não houve diferenças estatisticamente significativas nas pontuações dos grupos em qualquer um dos pontos específicos de acompanhamento.

Ainda sobre o estudo de Abass dick *et al.* (2020) houve aumentos modestos, significativamente maiores nas pontuações de atitude e conhecimento no SC1, em comparação com o SC2, desde a linha de base até 2 semanas após a inscrição e 4 semanas após o parto. Os escores de apoio dos parceiros de amamentação foram altos em ambos os grupos, com uma pequena diferença significativa (SC2 > SC1) em 4, 12 e 52 semanas pós-parto. Da mesma forma, os escores de amamentação coparental foram altos em ambos os grupos, com uma pequena diferença significativa (SC2 > SC1) em 4 e 52 semanas pós-parto. Apesar de não obter diferenças estatísticas relevantes entre os grupos, esse estudo evidencia a importância do acesso à informação, bem como da inclusão dos pais e da rede de apoio nessa intervenção de educação em saúde para obter melhores resultados e superar os desafios da amamentação. Destaca-se aqui que o método não era participativo, as lactantes não tinham troca de informações entre elas ou entre os profissionais de saúde. bem como sugeria que as participantes entrassem no site para consultar informações. Possivelmente, uma distribuição semanal e com conteúdos mais curtos e gradativos produzissem mais efeito, do que apenas indicar um site onde há informações sobre aleitamento materno de forma geral.

Por fim, Wu *et al.* (2020) fez uso de uma das maiores redes sociais na China – WeChat – para avaliar a efetividade de intervenções online no estímulo ao AME. De início, gestantes foram recrutadas (n=344) em hospitais, alocadas aleatoriamente em dois grupos e convidadas a seguir a conta oficial do “Centro de Serviços de Planejamento Familiar de Saúde Materna e Infantil do Condado de Huzhu”. Todas as mães receberam orientações de rotina dos serviços de saúde; todavia, somente as mães do grupo intervenção ganharam acesso a um módulo sobre alimentação ideal nessa mesma conta online.





Nesse estudo, semanalmente, do terceiro mês da gestação até o sexto mês pós-parto, essas mulheres receberam informações sobre o aleitamento materno e seus benefícios. Por serem considerados momentos desafiadores, no final da gestação (a partir da 37<sup>a</sup> semana), no primeiro e quarto mês após o parto, foram enviadas mensagens suplementares para cada participante. O conteúdo continha recomendações sobre amamentação e dificuldades comuns nessa fase, além de informações sobre alimentação complementar, a fim de evitar a introdução precoce de outros alimentos. Além disso, essas mulheres tiveram acesso a um fórum online para tirar suas dúvidas e puderam participar de uma dinâmica de competição para testar seus conhecimentos sobre amamentação (Wu *et al.* 2020).

A partir das entrevistas realizadas nos primeiro, terceiro e sexto meses após o parto, mostrou-se uma tendência crescente ao abandono do AME em ambos os grupos. Entretanto, nos primeiros meses pós-parto, as mulheres do grupo intervenção apresentaram uma taxa de amamentação exclusiva significativamente maior do que o grupo controle. Além disso, essas mães estavam menos propensas a ofertar laticínios ou produtos lácteos, motivo predominante para a interrupção precoce do AME nesse estudo (Wu *et al.*, 2020).

Apesar das diferenças entre os grupos não serem encontradas nos acompanhamentos dos meses seguintes, vale ressaltar que a população-alvo era moradora de uma área rural cuja fonte de renda era predominantemente da agricultura. É especialmente importante desenvolver estratégias educativas para atingir populações com difícil acesso aos serviços de saúde, assim o uso de aplicativos de comunicação, mensagens de texto, áudio, imagens, cursos online, testes e jogos podem ser meios de intervenção eficazes para promoção da saúde (Wu *et al.*, 2020).

Reconhecendo a importância do aleitamento materno para o binômio mãe-bebê, bem como para a redução das disparidades de desigualdade social (Neves *et al.*, 2021), os resultados dessa pesquisa mostram a necessidade de identificar ações eficazes de estímulo ao AME. Gestantes procuram ativamente informações online sobre suas questões de saúde e, durante o período de amamentação, é comum a procura por soluções em sites e nas redes sociais. De forma preocupante, aproximadamente 60% das páginas de nutrição relacionadas à gestação, expõem informações incorretas. Essa abundância de informações com falta de precisão e veracidade disponíveis na internet colocam em risco a continuidade do aleitamento materno, especialmente para as mulheres com baixa escolaridade (Storr *et al.*, 2017). Além disso, o marketing de fórmulas infantis influencia a sociedade a desacreditar no aleitamento materno.

Dessa forma, o acesso à informação de qualidade, assim como o acompanhamento constante durante a amamentação através de intervenções online durante os primeiros meses após o nascimento, podem ser estratégias eficazes para aumentar a continuidade do aleitamento materno. Vale ressaltar





a necessidade de intervenções que atinjam populações mais desfavorecidas, bem como ações online e presenciais que façam uso de material educativo adaptado para os diferentes níveis de alfabetização.

Os achados do presente estudo indicam que as mídias sociais tem potencial para ser um meio de promoção do aleitamento materno. No entanto, destacamos que algumas limitações presentes nesta revisão sistemática: poucos estudos com pequenas variações na metodologia aplicada e na seleção de mídias sociais. Como poucos estudos estão disponíveis sobre o tema, pode ser difícil realizar uma síntese significativa e conclusiva dos resultados. Com um número limitado de estudos, pode ser difícil realizar análises estatísticas robustas, como meta-análises. Isso pode limitar a capacidade da revisão de quantificar a magnitude dos efeitos observados. Podemos destacar também a heterogeneidade entre estudos: Mesmo que haja poucos estudos, eles podem ser heterogêneos em termos de população estudada, métodos de pesquisa, medidas de resultado. Isso pode dificultar a combinação dos resultados e a obtenção de conclusões claras. Por esse motivo, há a necessidade de mais estudos utilizando mídias sociais como ferramenta de apoio e incentivo ao aleitamento materno.

É importante reconhecer essas limitações ao conduzir ou interpretar uma revisão sistemática com poucos estudos disponíveis, pois elas podem afetar a confiabilidade e a validade dos resultados. Além disso, é essencial destacar a necessidade de mais pesquisas nessa área para melhorar nossa compreensão da relação entre mídias sociais e aleitamento materno e identificar quais as estratégias efetivas e quais não tem poder de efeito. No Brasil, tais estudos precisam considerar características da nossa população em relação a acesso a internet, grau de escolaridade e real efetividade e aplicação do método na promoção do aleitamento materno no âmbito de SUS e das redes privados de saúde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das limitações em relação à quantidade de ensaios clínicos sobre o tema e a variabilidade metodológica dos estudos selecionados, a presente revisão sistemática aborda informações relevantes sobre a importância do apoio e compartilhamento de informações de forma continuada no pós-parto. Observa-se que intervenções através de mídias sociais, que acompanhem as mães no pós-parto, são eficazes para aumentar a duração do aleitamento materno exclusivo.

Esta revisão fornece evidências convincentes de que as mídias sociais desempenham um papel significativo na promoção da autoeficácia materna em relação ao aleitamento materno e na extensão do tempo de aleitamento materno exclusivo e continuado. Os estudos incluídos demonstraram que as mães que participaram de comunidades online, grupos de apoio, blogs e fóruns





relacionados à amamentação relataram níveis mais altos de autoconfiança em sua capacidade de amamentar com sucesso.

Além disso, a interação contínua com outras mães, consultores de amamentação e profissionais de saúde por meio das mídias sociais proporcionou um ambiente de apoio rico em informações, onde as mães puderam esclarecer dúvidas, compartilhar experiências e receber orientações personalizadas. Isso parece contribuir diretamente para a promoção do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses.

As mídias sociais não apenas oferecem acesso conveniente a recursos educacionais sobre amamentação, mas também desempenham um papel crucial no fornecimento de apoio emocional e social às mães, reduzindo o isolamento e a ansiedade associados à maternidade. A capacidade de se conectar com outras mães que compartilham desafios e triunfos semelhantes foi um fator importante para a autoeficácia materna.

No entanto, é importante reconhecer que, embora as mídias sociais tenham demonstrado ser uma ferramenta valiosa na promoção da autoeficácia materna em relação ao aleitamento materno, elas não substituem a importância da orientação profissional e do apoio presencial, quando necessário. Portanto, o uso das mídias sociais deve ser visto como complementar às práticas tradicionais de apoio à amamentação.

Em resumo, as mídias sociais desempenham um papel crucial na promoção da autoeficácia materna em relação ao aleitamento materno, bem como na extensão do tempo de aleitamento materno exclusivo e continuado, proporcionando um ambiente de apoio rico em informações e comunidade para as mães. Estender a disseminação desses recursos online e apoiar estratégias educacionais baseadas em mídias sociais pode ser benéfico para promover o aleitamento materno bem-sucedido em âmbito global.

Dessa forma, as estratégias participativas e contínuas que utilizam tecnologias inovadoras como aplicativos de comunicação, ligações telefônicas e outras mídias sociais online, mediadas por profissionais de saúde, parteiras, e pelas próprias mães, podem ter impacto positivo na prevalência e duração do aleitamento materno. Nota-se, ainda, a importância de uma maior presença de pesquisadores e profissionais da saúde divulgando conteúdo online baseados em evidências científicas, tornando esse espaço uma via eficaz de educação em saúde.

## REFERÊNCIAS

ABBASS-DICK, J. *et al.* The comparison of access to an eHealth resource to current practice on mother and co-parent teamwork and breastfeeding rates: A randomized controlled trial. **Midwifery**, v. 90, p. 102812, nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2020.102812>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32739716/>. Acesso em: 7 jul. 2023.





ANTONIO, L. *et al.* Aleitamento materno e seus benefícios para a saúde da mulher. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 40, n. 6, p. 354–359, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1055/s-0038-1657766>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/5MnxQ6xkQfsJfwhNZ5JccTf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ÁVILA-ORTIZ, M. N. *et al.* Factors associated with abandoning exclusive breastfeeding in Mexican mothers at two private hospitals. **International Breastfeeding Journal**. v. 15, n. 73, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13006-020-00316-6>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32814577/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BEZERRA, J. C. *et al.* Hábitos maternos relacionados à amamentação. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 31, n. 4, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v31i4.18247>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/18247>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BHATTACHARJEE, N. V. *et al.* Mapping inequalities in exclusive breastfeeding in low- and middle-income countries, 2000–2018. **Nature Human Behaviour**, v. 5, n. 8, p. 1027–1045, 3 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41562-021-01108-6>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-021-01108-6#citeas>. Acesso em: 1 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MTE5OQ==> Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de atenção básica**. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_atencao\\_basica\\_2006.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica_2006.pdf) Acesso em: 18 ago. 2023.

CAVALCANTI, D. S. *et al.* Online participatory intervention to promote and support exclusive breastfeeding: Randomized clinical trial. **Maternal & Child Nutrition**, v. 15, n. 3, abr. 2019.

DOI: <https://doi.org/10.1111/mcn.12806>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30825414/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

CORTÉS-RÚA, L.; DÍAZ-GRÁVALOS, G. J. Early interruption of breastfeeding. A qualitative study. **Enfermería clínica** (English Edition) v. 29, n. 4, p. 207-215, jul./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2018.11.003>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30638896/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CRUZ, D. I. *et al.* O uso das mídias digitais na educação em saúde. **Cadernos da FUCAMP**, v. 10, n. 13, p. 130-142, 2011. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/215>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MACHADO, M. C. M. *et al.* Determinants of the exclusive breastfeeding abandonment: psychosocial factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, n. 6, p. 985-94, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005340>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/55dRNGkwmQdRrJvrqnrBJpw/?lang=en>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MACVICAR, S. *et al.* Breastfeeding and the substance-exposed mother and baby. **Birth**, v. 45, n. 4, p. 450–458, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/birt.12338>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29411890/>. Acesso em: 10 ago. 2023.





MCGOWAN, J. *et al.* PRESS Peer Review of Electronic Search Strategies: Guideline Statement. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 75, p. 40–46, jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2016.01.021> Disponível em: [https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356\(16\)00058-5/pdf](https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356(16)00058-5/pdf). Acesso em: 15 set. 2023.

NEVES, P. *et al.* Maternal education and equity in breastfeeding: trends and patterns in 81 low- and middle-income countries between 2000 and 2019. **International Journal for Equity in Health** v. 20, n. 1, p. 20, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12939-020-01357-3>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33413445/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

NOVAK, F. R. *et al.* Colostro humano: fonte natural de probióticos? **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 4, ago. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572001000400007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/BDrSycL6pmMt7j6bk6nywyG/>. Acesso em: 1 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Como o Marketing das Fórmulas Lácteas influencia nossas decisões sobre alimentação infantil**. Genebra: 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/18456/file/como-o-marketing-das-formulas-lacteas-influencia-nossas-decisoes-sobre-alimentacao-infantil.pdf>. Acesso em: 11 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Agenda para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/agenda-para-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 11 set. 2023.

OXMAN, A. *et al.* Cochrane reviewers' handbook 4.1.1: updated december 2000. In: **Assessment of study quality**. Oxford: The Cochrane Library, 2001. p. 39-50. Disponível em: <https://www.nhlbi.nih.gov/health-topics/study-quality-assessment-tools>. Acesso em: 15 set. 2023.

PALMEIRA, P.; CARNEIRO SAMPAIO, M. Immunology of breast milk. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 62, n. 6, p. 584–593, set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.62.06.584>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/QZDBjJ8VTYpWVpXs6RxVjrF/>. Acesso em: 1 set. 2023.

PINHEIRO, S. R. C. S. *et al.* Self-efficacy and social support of mothers of preterms in neonatal unit. **Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil**, v. 23, e20210289, jul. 2023. <https://doi.org/10.1590/1806-9304202300000289-en>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/bLtmwL9mTZBrrCnJ6CqXf4N/?lang=pt#>. Acesso em: 18 set. 2023.

ROHINI, A. M. *et al.* Effectiveness of breastfeeding education compared to standard hospital information on exclusive breastfeeding among mothers: A systematic review. **Journal of Education and Health Promotion Wolters Kluwer Medknow Publications**, v. 11, n. 125, abr. 2022. DOI: [https://doi.org/10.4103/jehp.jehp\\_708\\_21](https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_708_21). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9170204/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

SALUSTIANO, L. P. Q. *et al.* Fatores associados à duração do aleitamento materno em crianças menores de seis meses. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 34, n. 1, p. 28–33, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/NSVXKJwRP8fmmS8ZkNXTW7N/>. Acesso em: 24 ago. 2023.





STORR, T. *et al.* Online nutrition information for pregnant women: a content analysis. **Maternal & Child Nutrition**, v. 13, n. 2, e12315, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/mcn.12315>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6865949/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TSCHIDERER, L. *et al.* Breastfeeding is associated with a reduced maternal cardiovascular risk: systematic review and meta-analysis involving data from 8 studies and 1 192 700 parous women. **Journal of the American Heart Association**, v. 11, n. 2, p. 22746, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1161/JAHA.121.022746>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35014854/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

UZUNÇAKMAK, T. *et al.* The effect of social media-based support on breastfeeding self-efficacy: a randomised controlled trial. **The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care**, v. 27, n. 2, p. 1-7, jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13625187.2021.1946500>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34251949/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

WU, Q *et al.* Effectiveness of WeChat for Improving Exclusive Breastfeeding in Huzhu County China: Randomized Controlled Trial. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 12, e23273, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.2196/23273>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7746496/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

YUEN, M. *et al.* The Effects of Breastfeeding on Maternal Mental Health: A Systematic Review. **Journal of Women's Health**. v. 31, n. 6, p. 787-807, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1089/jwh.2021.0504>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35442804/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ZUURVELD, M. *et al.* Specific Human Milk Oligosaccharides Differentially Promote Th1 and Regulatory Responses in a CpG-Activated Epithelial/Immune Cell Coculture. **Biomolecules**, v. 31, n. 13, p. 263, jan. 2023. DOI: [10.3390/biom13020263](https://doi.org/10.3390/biom13020263). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36830632/>. Acesso em: 11 set. 2023.

